

37:008

S 163 d.

EX 1

C 92569005

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 00114481

Data 25 / 05 / 05

() Compra (X) Doação () Permuta

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

ROSÂNGELA SALLES SOBRINHO

A DEFICIÊNCIA DA LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA

PONTES E LACERDA

2004

ROSÂNGELA SALLES SOBRINHO

A DEFICIÊNCIA DA LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientador: Prof. Ricardo Marques Macedo

PONTES E LACERDA

2004

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Local e data da aprovação

AGRADECIMENTOS

A Deus – Por me dar sabedoria possibilitando mais esta conquista em minha vida.

A minha mãe que sempre me apoiou dando suporte afetivo e emocional no decorrer do curso.

Ao meu pai Inácio Salles (in memoriam) que me ensinou desde criança o quanto o conhecimento é importante em nossa vida.

Ao meu esposo José Augusto – que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e incentivando-me durante todo este percurso.

Aos meus amigos: Romes, Ana e Simone que me deram a maior força e se mostraram prestativos para comigo.

A todos os meus professores, em especial ao meu orientador professor Ricardo Marques Macedo.

Rosângela Salles Sobrinho

“ O cerne da produção de sentidos está no modo de relação (Leitura) entre o dito e o compreendido”.

(ORLANDI, 1999).

SUMÁRIO

Introdução-----	08
O Processo Pedagógico de Aquisição da Leitura-----	10
O Que é Leitura: uma breve definição do poder da palavra-----	13
Considerações Finais-----	18
Bibliografia-----	20

INTRODUÇÃO

Não raras são as vezes em que nos deparamos nas ruas e avenidas da cidade com fatos que nos fazem parar e refletir sobre questões sociais concernentes a falta de educação e ao analfabetismo. Durante a nossa vida não foram poucas as vezes em que nos foi solicitada ajuda para ler a bula de um remédio alguém, uma carta ou mesmo um bilhete. Nestes momentos, chegamos a pensar que estas pessoas não tiveram vontade de aprender a ler por preguiça ou comodismo. Tolo engano, pensar que só por estarmos no século XXI, tempo das grandes conquistas e avanços tecnológicos, todos tem acesso a informação e a educação.

Em nossa sociedade as desigualdades sociais são gritantes e por vezes as pessoas não conseguem freqüentar uma sala de aula. O acesso à escola pública parece fácil, mas as dificuldades financeiras fazem com que um número muito grande de crianças sejam obrigadas a trabalhar muito cedo, deixando a escola em segundo plano. E mesmo com incentivos do Governo Federal do tipo Bolsa Escola, projetos de alfabetização de adultos e parcerias com a iniciativa privada e as ONGS, não são suficientes para sanar as dificuldades e deficiências educacionais do país.

Não temos dados precisos mas é grande o número de pessoas analfabetas, que em sua maioria não aparecem no censo e nas estatísticas da federação. Basta que observemos, por exemplo o número de pessoas com dificuldades para votar por não saberem ler o nome do candidato em panfletos ou por não conhecerem os números dos mesmos. Parece absurdo, mas é verdade e tivemos oportunidade de presenciar isto, quando trabalhamos como mesários na eleição municipal passada.

Mas deixemos estes tristes fatos de lado e agora vamos nos ater ao principal objetivo de nosso trabalho. *A leitura*. Não que sejam irrelevantes estes problemas ou que não estejam, de certa forma ligados a leitura. O que pretendemos agora é deixar claro que a falta de leitura não é um problema exclusivo dos analfabetos.

Existem hoje pessoas com diploma de primeiro grau nas mãos, mas na realidade não sabem ler corretamente um simples texto. São alunos oriundos das camadas mais pobres das comunidades, que cursaram todo o ensino básico em

escolas públicas, onde o ensino ainda é muito deficitário. Nestas escolas trabalham professores capazes e competentes, que cumprem uma jornada de um número exorbitante de horas de trabalho diário. Desta forma, por mais responsáveis e competentes que sejam, estes profissionais não conseguem suprir as necessidades de aprendizados de seus alunos. É humanamente impossível a alguém que leciona nos períodos matutino, vespertino e noturno, a preparação e apresentação de uma aula que realmente seja digna de conteúdos e que atenda de maneira completa as deficiências dos alunos. Não existe, como o Governo pensa o super-professor.

Afirmamos isto porque somos conhecedores de vários profissionais que acumulam uma grande quantidade de aulas semanais a fim de conseguirem um salário que atenda as suas necessidades básicas. Aliados a estes grande problema, temos ainda a omissão do Estado que opera totalmente alheio aos problemas sociais, não oferecendo o mínimo de apoio estrutural às suas comunidades escolares.

Todos estes fatos somados resultam num ensino carente, precário, que não é suficientemente eficaz. As deficiências acompanham os alunos desde o Ensino Básico, passando pelo Fundamental e chegando até o Ensino Médio. Elas causam graves seqüelas, que por sua vez são responsáveis pelo auto número de reprovações e desistências nos vestibulares. Dentre estas seqüelas causadas pela ineficácia da rede pública de educação, está o problema da leitura. Um fato triste e alarmante, como já comentamos, ao qual também fomos submetidos, e padecemos ainda hoje por conta da ausência de uma boa formação básica, que nos desse uma visão crítica, antes de ingressarmos no Ensino Superior. Este com certeza foi o ponto crucial que nos levou a tomar a decisão de trabalharmos o tema da carência de leitura na rede pública de ensino.

O Processo Pedagógico de Aquisição da Leitura

**“No final do séc. XX, imaginava-se que a leitura seria capaz de proporcionar os mais variados benefícios: tornar os sujeitos mais cultos e por consequência, mais críticos, mais cidadãos, mais verdadeiros”.
(ABREU, 2002: 10)**

Tal afirmação leva-nos ao ensejo de que a leitura é capaz de transformar o mundo a partir da formação crítico-intelectual que ela proporciona nos indivíduos. Logicamente tal concepção só se torna realidade se a escola oferecer subsídios para o seu ensino crítico. Um grande erro que ainda hoje é cometido em nossas escolas é o de pensar que a leitura está tão somente relacionada a representação gráfica da palavra. Nesta perspectiva o leitor é visto como um decodificador de letras.

Aquelas que aprendemos no passado com o velho método do ba- be- bi- bo- bu. No entanto, a leitura está presente no nosso dia-a-dia, não só como um processo de alfabetização que se prolonga no decorrer dos onzes anos que gradativamente compõem o Ensino Básico, mas como processo elaborado da História do Homem, tornando-o mais consciente, mais dinâmico, interferindo no próprio processo de sua vida. Com isto, queremos afirmar que o processo de aprendizado da leitura não pode ser considerado um ato isolado na vida da criança. Ele deve estar contido no conjunto da interatividade social da criança. Deve estar diretamente relacionado à comunidade do indivíduo, ou seja, ao seu mundo.

**“Refiro-me que a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.
(FREIRE, 1994: 20)**

Nesta afirmação Paulo Freire leva-nos a interpretar a leitura na perspectiva de ser a representação dos fatos cotidianos do ser humano. Seguindo nesta linha de pensamento todo o contato social da criança é uma forma de leitura. Isto quer dizer que toda a convivência que o indivíduo teve na sua família, na sua comunidade, antes de seu início no processo de aprendizado escolar, são formas de leitura que devem ser aproveitadas ao longo do processo pedagógico de aprendizado.

O papel do professor é decisivo na condução deste processo, até mesmo para despertar e motivar no educando as necessidades e os desejos que, muitas vezes, por causa das suas condições sociais, passam despercebidos e terminam por não representarem nada em suas vidas. Assim momentos históricos, políticos ou mesmo naturais que acontecem em suas comunidades devem ser trabalhados em sala de aula.

O que acontece, porém, é que muitos educadores tem medo de um diálogo espontâneo e crítico, bloqueando as oportunidades de realizarem leituras efetivas sobre temas que abrangem o lado social da comunidade. Torna-se muito mais fácil repassar aquele conteúdo que já vem pronto e resumido no livro didático, do que trabalhar com fatos da realidade social dos alunos.

Não queremos afirmar porém, que isto seja uma característica que assinale a incompetência profissional dos educadores. O fato é que eles fazem parte de um processo que vem se arrastando em nossas escolas por vários anos ininterruptos, no qual o importante é capacitar o jovem para o mercado de trabalho. Em geral, os profissionais da educação arrastam consigo o peso de uma grande quantidade de horas de trabalho ininterruptas, que transformam uma profissão prazerosa num estressante meio de sobrevivência.

O reflexo disso pode ser observado na má formação dos educandos, bem como o número de professores formados que atuam em outras áreas profissionais, buscando uma melhor remuneração.

Aliado a isto, temos a carência de estruturas, de materiais didáticos que sirvam de alicerce a estes profissionais. Temos também uma grande falta de cursos de revisão de conceitos e de capacitação profissional. Por consequência disto, o aprendizado da leitura é tragicamente prejudicado, pois sabemos que o professor tem o papel fundamental neste processo.

É ele quem conduz o aluno ao despertar de fatos, necessidades e desejos, que através da leitura, e da aquisição de conhecimentos que ela proporciona, são desmistificados ou desalienados pelo convívio social e pelos meios de comunicação de massa.

Da mesma forma como o processo de aprendizado da leitura é motivado principalmente pelo professor, este pode se transformar deliberadamente no pior empecilho para o desenvolvimento crítico do aluno. Ele pode ser a peça principal da máquina, que por estar defeituosa, prejudica todo o seu funcionamento. Então o que fazer para que esta peça principal (professor) funcione bem e cumpra com o seu papel de maneira coerente e competente ?

Não acreditamos que possa haver uma receita ou fórmula definida que traduza de maneira simples e eficiente como deve agir o profissional da educação, mas está claro que ele deve ter consciência que a leitura é uma questão lingüística, pedagógica e social ao mesmo tempo.

- Lingüística por que ela é a decodificação da escrita, que por sua vez é a representação gráfica da fala.
- Pedagógica por fazer parte do processo de aprendizado da criança, sendo de fundamental e primordial importância para a aquisição do saber.
- Social por que é através da leitura, como já afirmamos, que o indivíduo forma sua consciência crítica, passando a interpretar melhor os fatos e acontecimentos de sua comunidade.

O que é Leitura: uma breve definição do poder da palavra

“Sem dúvida, o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra. Bastará porém decifrar palavras para acontecer a leitura?”
(MARTINS, 1994: 7)

Existem variadas formas de interpretamos os fatos pelos quais passamos diariamente. Um olhar diferente, vindo de uma pessoa estranha, num momento oportuno, pode ter significado afetivo no caso de uma paquera, quando ambas as pessoas estão enamorando, ou pode causar repúdio quando há, por parte de uma, aversão em relação à outra. A maneira como olhamos os objetos que nos rodeiam diariamente pode ser obsoleta e superficial, mas se paramos para observarmos mais profundamente, notaremos a importância que uma simples cadeira, caneta ou mesmo papel, têm em nossa vida.

Estas são apenas algumas das poucas formas de leitura possíveis a nós humanos. Nossa mente é dotada de um número infinito de neurônios, que estão diretamente ligados aos nossos órgãos de sentido, possibilitando-nos uma completa interação com o meio que habitamos. Estamos sempre aptos a aprender e a interagir com o mundo que nos rodeia. Não passamos pela vida simplesmente sofrendo as consequências que ela nos impõe, mas interagimos com os fatos e causamos mudanças, que por menores que sejam, refletem nas outras pessoas que direta e indiretamente se relacionam conosco.

Vejamos agora uma outra definição:

“Em um sentido ainda mais restritivo, em termos agora de escolaridade, pode-se vincular leitura à alfabetização (aprender a ler e

escrever) e leitura pode adquirir então o caráter de estrita aprendizagem formal.” (ORLANDI, 1998: 7)

Não pretendemos colocar em dúvida esta afirmação da autora, mas estamos apenas fazendo uso de tal relato para mostrarmos que esta é a visão que o profissional de educação nunca pode ter em relação à leitura.

Esta é apenas mais uma das inúmeras definições que a leitura pode assumir, mas de maneira mais ampla podemos atribuir a ela a função de formadora de consciência histórico-social, unidade construtiva de visão crítica, sem restrições, sem barreiras políticas e/ou metodológicas que geralmente os planos curriculares impõem.

Queremos dar ênfase à leitura mais profunda que aquela dos livros didáticos, pois pretendemos tratá-la com a devida atenção necessária. Vamos deixar de lado aquelas visões imediatistas que trazem implícitas as soluções propostas, que colocam a disposição do aluno apenas mais um artefato escolar caracterizado simplesmente como instrumental.

O contexto de leitura se tornou ao longo de nossa pesquisa muito abrangedor, estando associado às nossas primeiras percepções infantis. Tal fato nos remete a pensar que irrestritamente a aquisição do saber lógico se processa intimamente na consciência humana de forma contínua, no decorrer de toda sua vida. O que implica salientar que toda e qualquer interrupção brusca no desenrolar deste processo pode ocasionar um trauma, que sem dúvida frustrará o indivíduo, tornando-o amedrontado e incapacitando-o a prosseguir seu desenvolvimento intelectual.

Desde os primórdios das civilizações Gregas e Romanas, saber ler significa possuir bases de uma educação adequada para a vida. Porém, naquela época poucas eram as pessoas que tinham acesso ao aprendizado das letras. Situação que apesar de muitos séculos de civilização, ainda não foi totalmente superada.

Hoje mesmo nos países mais ricos, ainda existem analfabetos. Tanto no passado, como na atualidade, o domínio da leitura e, portanto da escrita, representa poder. Por isso, ao longo da história da humanidade o homem vem buscando uma forma, de através da linguagem, obter domínio do mundo.

Vários foram os regimes governamentais que o experimentou desde que se tem notícia da existência da humanidade, mas sempre quem detinha o poder era considerado o mais culto. Agora no regime capitalista, com a chamada “Democracia” imperando, ainda buscamos obter maior nível educacional possível, para que possamos adquirir maiores posses e prestígios na sociedade. O problema é que democraticamente falando, a porta de acesso à boa escolarização é estreita, e poucos são os que financeiramente tem poder de transpô-la.

Mas como já vimos, a leitura não é só aprendida através de livros nas escolas, por que poucos são os que conseguem ter sucesso na vida através dela ?

A resposta desta nossa pergunta está justamente na escola. É ela que tem o poder de excluir ou incluir futuros cidadãos na sociedade. Ela é quem dita a maneira correta do ensino da leitura e através desta, delimita o acesso às informações curriculares dos alunos. A instituição escolar está diretamente ligada e é subalterna ao governo, que por sua vez está atrelado aos grandes empresários, que são os detentores do capital, portanto do poder, desta forma, as decisões ou rumos da educação são tomadas por estas pessoas e seguem ou atendem suas necessidades e vontades. Desta forma, as decisões vêm seguindo o rumo contrário que deveriam, ou seja, de cima para baixo.

Isto implica dizer que por mais qualificados que sejam os profissionais que criam as grades curriculares, eles a fazem com uma visão do problema num âmbito geral. Na verdade eles não estão a par das necessidades daquelas comunidades mais distantes. Não conhecem o dia-a-dia dos moradores das cidades interioranas, portanto não são capazes de desenvolver um plano que supram suas necessidades. Além do que estes planos curriculares são traçados para atender muito mais os interesses do Estado que os das comunidades. Apesar do Regime Democrático, o capitalismo reina absoluto. E com seu poder dita as regras, que implicitamente as escolas seguem.

Tudo trata-se de uma questão de poder. O poder da palavra, que é exercido de maneira errada e opressora. Em nosso mundo que detém o saber, na maioria das vezes se coloca num estágio superior aos outros. Quantas vezes já ouvimos, no decorrer de nossa vida, aquelas velhas frases:

“Há mais fulano não pode participar desta reunião pois ele não sabe se portar em ocasiões tão requintadas como esta.”

“Não ele não pode entrar pois não tem o mesmo nível de educação que os outros convidados.”

Usadas quase como jargões estas duas frases são exemplos claros de opressão, ridicularização e preconceito. Não seria mais correto proporcionar a este indivíduo a oportunidade dele ter a mesma educação de quem o barrou, do que descriminá-lo e excluí-lo da festa ?

Pensamos que sim, acreditamos que todos têm direito às mesmas oportunidades. É pena que a escola coagida pela estratificação de classes sociais e influenciada pelo poder econômico, não pense e não aja assim. O regime educacional do nosso país é muito mais um regime de exclusão que inclusão. Basta olharmos para o número de alunos que ingressam no primeiro ciclo e os compararmos com a quantidade de alunos que ingressam no terceiro grau. Podemos notar que há uma discrepância muito grande em relação a esses dois números. Isso quer dizer que a grande maioria destes indivíduos vai ficando marginalizado no decorrer do processo educacional.

Este fato acontece principalmente por que:

“O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, (...), enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem, (...) Não é de se admirar, pois a preferência pela leitura de coisas diferentes daquela impostas na sala de aula.” (MARTINS, 1994: 28)

O conteúdo escolar não é suficientemente satisfatório para suprir todas as necessidades dos que nela ingressam. Mesmo aqueles que conseguem permanecer nela, ao concluírem seus estudos não estarão preparados plenamente para assumirem seus lugares na sociedade. Sobretudo quando se sabe (ou deveria saber) que para que

haja uma mudança no quadro educacional que aí se encontra, deve haver uma mudança expressiva no sistema político-econômico e sociocultural. Mudança esta que propicie uma efetiva melhoria nas condições de vida da imensa maioria desfavorecida. Uma transformação no pensamento daqueles, que se sentindo oprimidos, tenham consciência de lutar por seus direitos assegurados pela constituição do nosso país, causando uma revolução no regime social que vivemos na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grandes e graves são os problemas existentes na rede pública de ensino, mas devemos lembrar que a escola é composta por membros que convivem na comunidade da qual a mesma faz parte. São todos parte integrante do mesmo contexto, juntos sofrem as mesmas conseqüências causadas pelas deficiências de uma formação escolar precária e omissa.

Juntos também se calam e desanimam diante dos obstáculos que impedem que a escola cresça e ofereça um ensino de qualidade. Culpam os governos, mas se esquecem que estes são constituídos pela comunidade. Esquecem que é através dos seus votos que presidentes e governadores são eleitos e que toda esta máquina chamada país é mantida pelos impostos pagos por cada cidadão que compõe suas comunidades. Portanto, esquecem que a escola pública é uma instituição comunitária criada e mantida diretamente por cada indivíduo que vive e trabalha numa comunidade.

Este é o preço pago por nós, cidadãos de hoje e alunos de ontem, que fomos vítimas de uma precária formação escolar com carências múltiplas, mas principalmente com falta de incentivo à leitura que não tivemos acesso ao conceito mínimo do que seja uma consciência crítica-social e que por isso hoje nos calamos facilmente diante dos obstáculos que o convívio social nos oferece.

Faltou-nos o conhecimento, que hoje estamos adquirindo e que temos a obrigação e o dever de transmitir aos nossos futuros alunos. Temos a árdua, porém recompensadora tarefa de motivar nossos alunos a tomarem gosto pela leitura. Devemos ter sensibilidade de deixá-los a vontade para opinarem sobre os fatos e temas que futuramente estudarão. Só assim seremos capazes de propiciar-lhes uma boa formação crítico-social.

Será nossa função fazer desta importante ferramenta, a “leitura”, nossa grande e indispensável aliada nesta tarefa. Principalmente hoje, quando vivemos um clima futurístico e informatizado, no qual cada vez mais o livro parece tornar-se um objeto ultrapassado e obsoleto. Temos que tomar cuidado com as informações que nos aparecem prontas via computador (Internet), pois elas trazem implícitas as visões e

opiniões de quem as redigiram, ou seja, podem assumir o mesmo papel dos livros didáticos.

Enfim vamos tentar ser, para nossos futuros alunos, bases seguras onde possam se apoiar para através da leitura, obterem os conhecimentos necessários para sua vida social. Agindo assim seremos capazes de provocarmos as mudanças necessárias para o desenvolvimento cultural dos mesmos e consequentemente da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

Leitura, História da Leitura/ Márcia Abreu (org.) Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. 27ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

BARONE, Leda Maria Codeço. *De Ler o Desejo, ao Desejo de Ler: uma leitura do olhar do psicopedagogo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º _____

Data ____/____/____

() Compra () Doação () Permuta